

## EDITORIAL

DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS SOBRE TRABALHO E  
FORMAÇÃO DA ENFERMEIRA NO BRASILCONTEMPORARY CHALLENGES OF WORK AND  
NURSE EDUCATION IN BRAZILDESAFÍOS CONTEMPORÂNEOS DE TRABAJO Y  
FORMACIÓN DE LA ENFERMERA EN BRASIL

Cristina Maria Meira de Melo<sup>1</sup>

No Brasil, muitos são os desafios para a consolidação do trabalho da enfermeira, profissão historicamente recente, cujo ato instaurador é a abertura do curso da Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde, em 1923, no Rio de Janeiro.

Esta reflexão inicial possibilita a enumeração de outros desafios que ameaçam a consolidação da profissão no Brasil, escolhidos com base em temas abordados recentemente por editoriais de periódicos nacionais da área de enfermagem e por resultados de pesquisas nacionais, dentre os quais se destaca a invisibilidade do trabalho da enfermeira, a despeito da necessidade social deste, como consequência da falta de atribuição de valor a esta atividade.

A crescente divisão social e técnica no campo do trabalho em enfermagem é uma das ameaças para a visibilidade social e a consolidação dessa profissão. As políticas de saúde no Brasil, historicamente, fomentam novas ocupações e profissões que competem no campo do trabalho em enfermagem. Este incentivo político, por parte do Estado, para o aprofundamento da divisão técnica vertical no campo do trabalho nessa área serve, sobretudo, a velhos propósitos políticos e econômicos, que podem ser assim enunciados: destruir as ocupações com o parcelamento do trabalho entre diferentes trabalhadores; hierarquizar e dividir politicamente os trabalhadores, reproduzindo, no mundo do trabalho, as diferentes classes sociais; produzir um volume maior de trabalho e, ao mesmo tempo, baratear o valor da força de trabalho.

No Brasil, até início dos anos 1990, o campo de trabalho em enfermagem era compartilhado majoritariamente pelas atendentes, seguidas numericamente pelas auxiliares e minoritariamente pelas técnicas e pelas enfermeiras. Hoje, a exigência, pelo Ministério da Educação, do ensino médio completo para ingresso no curso de formação técnica “extinguiu” o funcionamento de cursos de formação de auxiliares

<sup>1</sup> Enfermeira. Doutora em Saúde Pública. Professora Associada da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia. Coordenadora Acadêmica da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia. Coordenadora do Núcleo de Pesquisa em Políticas, Gestão, Trabalho e Recursos Humanos em Enfermagem e Saúde Coletiva da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia. Salvador, Bahia, Brasil. [cmmelo@uol.com.br](mailto:cmmelo@uol.com.br).

de enfermagem. No entanto, outras medidas, formuladas nas políticas de saúde nas últimas décadas, criaram nova profissão, como a do Agente Comunitário de Saúde (ACS), ou ocupação, como os cuidadores, muitos deles qualificados por cursos ministrados por enfermeiras e promovidos pelo referido Ministério.

Todos esses trabalhadores competem no campo de trabalho em enfermagem, reduzindo o valor da força de trabalho da enfermeira e o número de postos de trabalho para essas. Estudo sobre o valor dessa força de trabalho no Brasil destaca, como fatores contributivos para o rebaixamento desse valor, o ingresso de mão de obra complementar, como ACS e cuidadores, no campo da enfermagem, além da forte concorrência mantida entre as próprias enfermeiras na venda da sua força de trabalho no mercado<sup>(1)</sup>.

O aprofundamento da divisão social e técnica do trabalho também decorre do aumento da precarização, uma política do capital mundializado, que atinge trabalhadoras e trabalhadores do campo da enfermagem e do campo da saúde. Com o desenvolvimento tecnológico no campo da saúde e com a crise financeira permanente dos sistemas de saúde nacionais, identifica-se, em diferentes países, a inserção das enfermeiras como responsáveis por novas atribuições, quase sempre oriundas da divisão técnica do trabalho médico para, sobretudo, reduzir os custos de manutenção dos sistemas de saúde. As novas inserções dessa profissional têm sido recebidas com aplauso e pouca ou nenhuma reflexão crítica sobre o seu significado, sobretudo quanto ao impacto na construção e consolidação do campo de saber e de prática profissional.

Um grande desafio é confrontar a hegemonia do modelo biomédico, seja no campo da pesquisa em enfermagem, seja no campo da formação e do trabalho. Esta supremacia mantém o trabalho da enfermeira brasileira visível apenas quando esta atua como enfermeira-auxiliar-do-médico, subsumindo o trabalho desenvolvido no SUS nos campos da promoção da saúde, educação em saúde e vigilância da saúde<sup>(2)</sup>. Tais campos não subsistiriam sem o trabalho dessa profissional<sup>(3)</sup> e seriam espaços privilegiados, onde poderiam constituir um saber próprio para a profissão, um saber singular, não específico.

Confrontar a hegemonia do modelo biomédico justifica-se em críticas desenvolvidas em relação à produção do conhecimento científico no campo da enfermagem, reconhecido como predominantemente descritivo e frequentemente subsidiário do conhecimento médico. Este pouco tem contribuído para subsidiar as ações de quem trabalha no campo da enfermagem ou para a solução dos problemas de saúde nacionais, dado que a sua disseminação é restrita e sua aplicabilidade desconhecida<sup>(4)</sup>.

Outro desafio é o campo da formação. Atualmente, registram-se preocupações explícitas quanto ao aumento indiscriminado de cursos de bacharelado em enfermagem no Brasil, a despeito do reconhecimento da necessidade de ampliação da quantidade de enfermeiras para consolidação do Sistema Único de Saúde.

A formação, sem incluir vivências nos campos da extensão e da pesquisa, torna-se fortemente tecnicista e com grande risco de ser de baixa qualidade<sup>(5)</sup>. Ademais, esse crescimento pode ser observado em faculdades ou universidades de natureza privada, muitos deles com financiamento público. Desse modo, como garantir qualidade ao crescimento do número de enfermeiras, dado que o Brasil necessita delas numa quantidade que apenas a universidade pública ainda hoje, século XXI, não pode ofertar?

No campo da formação persiste, a despeito de avanços reconhecidos, o modelo centrado em áreas de conhecimentos especializados e no desenvolvimento de habilidades para a execução de procedimentos técnico-assistenciais. Este fato contrapõe-se à formação de profissionais capazes de pensar e agir em realidades e situações complexas, como a brasileira, permeada pelo desafio da desigualdade social<sup>(5)</sup>. Desenvolver capacidades na enfermeira e no enfermeiro para a tomada de decisão em cenários complexos é, inclusive, o desafio para a execução de práticas avançadas<sup>(4)</sup>, em particular na Atenção Primária a Saúde, como preconizado pela Organização Mundial da Saúde.

Para um país como o Brasil, a educação não deve qualificar para o mercado, e sim para a vida. Deve estar a serviço da emancipação humana. Se assim o é, mais que acumular conhecimentos, a educação

serve para compreender o mundo, pois são muitos os desafios para a formação da enfermeira, tais como: criar espaços de aprendizagem, para que se pense o mundo, compreenda-se o mundo e desenvolvam-se capacidades para agir sobre a realidade; resgatar a “relação estruturante entre educação e trabalho” como possibilidade criativa e emancipatória; praticar a educação para a compreensão e não para apenas para a explicação dos fenômenos técnicos e sociais<sup>(6)</sup>.

Certamente, os desafios da formação e do trabalho não serão superados com medidas “fáceis”, como a introdução do exame de suficiência, como pretende o Conselho Federal de Enfermagem. Esta medida, antes de mais nada excludente, está a serviço da regulação do mercado de trabalho ou, como ingenuamente se afirma, “para evitar erros” na prática profissional, argumento que sequer toma em consideração, para sua formulação, a precarização do trabalho no campo da saúde e as precárias condições de trabalho das trabalhadoras da enfermagem.

A implantação do exame de suficiência regularia o ingresso das enfermeiras em postos de trabalho de natureza assistencial. Isto significaria que as “enfermeiras não qualificadas” poderiam continuar atuando como formadoras; poderiam continuar trabalhando como gerentes de serviços de saúde; como auditoras do Sistema Único de Saúde, entre outras atividades.

Tais desafios exigem que se direcionem as práticas técnicas assistenciais-gerenciais, as práticas de pesquisa, as práticas de educadoras a serviço, no mínimo, da emancipação das enfermeiras e dos enfermeiros. Se é assim, um objetivo central da prática dessa profissional, seja em que espaço for, é a transformação social.

Pode-se começar, aqui e agora, agindo nessa direção no micro espaço de trabalho e de formação para transformar, assim, a formação e o trabalho das enfermeiras brasileiras.

### Referências

1. Santos TAS. Valor da força de trabalho da enfermeira [dissertação]. Salvador: Escola de Enfermagem, Universidade Federal da Bahia; 2012. [citado 2016 jun 6]. Disponível em: <https://blog.ufba.br/grupogerirenfermagem/files/2011/07/O-valor-da-for%C3%A7a-de-trabalho-da-enfermeira.pdf>
2. Collierè MF. Promover a vida. Lisboa: Lidel; 1999.
3. Mascarenhas NB, Melo CMM, Fagundes NC. Produção do conhecimento sobre promoção da saúde e prática da enfermeira na Atenção Primária. Rev bras enferm [Internet]. 2012 dez [citado 2016 jun 9]; 65(6):991-9. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S003471672012000600016&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003471672012000600016&lng=pt).
4. Zanetti ML. Prática avançada de enfermagem: estratégias para formação e construção do conhecimento. Rev latino-am enferm [Internet]. 2015 out [citado 2016 jun 6]; 23(5):779-80. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010411692015000500779&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010411692015000500779&lng=pt).
5. Gottens LBD, Alvarez AM, Almeida LMWS. Educação em enfermagem: qualidade, inovação e responsabilidade. Editorial. Rev bras enferm [Internet]. 2014 ago [citado 2016 jun 6]; 67(4):499-500. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S003471672014000400499&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003471672014000400499&lng=pt). <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167.2014670401>.
6. Mézaros I. A educação para além do capital. São Paulo: Boi Tempo Editorial; 2006.